

Mirca Bonano, Mirtes Marins de Oliveira *

Maquete da cidade de São Paulo: design expositivo, tecnologia e objeto histórico

* **Marcos N. Beccari** é graduada em artes visuais, mestranda no programa PPG Design - UAM, professora de artes visuais, formadora e gestora de equipes para mediação em exposições de arte, com atuação na área de gestão pública em secretarias municipais de cultura e coordenação de projetos culturais oriundos de editais públicos e leis de incentivo fiscal.

mircabonano@gmail.com

ORCID 0009-0002-4870-3023

Mirtes Marins de Oliveira é Docente do Mestrado e Doutorado em Design da Universidade Anhembi-Morumbi (2012). Pós-Doutorado em Educação (DE-USP). Possui graduação em Educação em Educação Artística-Artes Plásticas pela Universidade de São Paulo (1986), mestrado em Educação: História, Política, Sociedade pela PUC-SP (1997) e doutorado em Educação: História, Política, Sociedade pela PUC-SP (2002). Trabalhou no Setor Educativo do MAC - USP e coordenou a Oficina das Artes da Associação Brasileira "A Hebraica" de São Paulo. Tem experiência na área de Artes, com ênfase em Fotografia, atuando nos seguintes temas: artes visuais, fotografia, ação artística, educação e artes.

mirtes.oliveir@animaeducacao.com.br

ORCID 0000-0002-7132-0875

Resumo O presente artigo apresenta evidências sobre a maquete da cidade de São Paulo, instalada no Museu Paulista desde 1922, realização de Henrique Bakkenist, por demanda da instituição. Este objeto histórico faz parte do acervo entre mobiliários, documentos e obras de arte que contam a história da cidade. Duas perguntas preliminares sugerem uma estratégia de investigação: qual a relevância da maquete da cidade de São Paulo para o acervo daquele museu histórico? Quais as contribuições ao Museu Paulista que as escolhas do design expositivo propõem ao apresentar a maquete após o processo de restauro dos últimos anos? A metodologia utilizada para a produção deste artigo concentra-se no estudo de caso e levantamento bibliográfico, com análise das informações para a construção de hipóteses. Algumas evidências aqui tratadas podem ressurgir com o devido aprofundamento na pesquisa da dissertação de mestrado *stricto-sensu* em desenvolvimento no Programa de Pós Graduação em Design - Universidade Anhembi Morumbi.

Palavras Chave Maquete da Cidade de São Paulo, Museu Paulista, cidade de São Paulo, objeto histórico, design expositivo.

Model of the city of São Paulo: exhibition design, technology and historical object

Abstract *This article presents evidence about the model of the city of São Paulo, installed at the Museu Paulista since 1922, created by Henrique Bakkenist, at the request of the institution. This historical object is part of the collection of furniture, documents and works of art that tell the history of the city. Two preliminary questions suggest an investigation strategy: what is the relevance of the model of the city of São Paulo to the collection of that historical museum? What contributions to the Museu Paulista the exhibition design choices propose when presenting the model after the restoration process in recent years? The methodology used to produce this article focuses on case studies and bibliographical research, with analysis of information to construct hypotheses. Some of the evidence discussed here may resurface with due deepening in the research of the stricto-sensu master's dissertation being developed at the Postgraduate Program in Design - Universidade Anhembi Morumbi.*

Keywords *Model of the city of São Paulo, Museu Paulista, city of São Paulo, historical object, exhibition design*

Maqueta de la ciudad de São Paulo: diseño expositivo, tecnología y objeto histórico

Resumen *Este artículo presenta pruebas sobre la maqueta de la ciudad de São Paulo, instalada en el Museu Paulista desde 1922, realizada por Henrique Bakkenist a pedido de la institución. Este objeto histórico forma parte de la colección de muebles, documentos y obras de arte que cuentan la historia de la ciudad. Dos preguntas preliminares sugieren una estrategia de investigación: ¿cuál es la relevancia del modelo de la ciudad de São Paulo para la colección de ese museo histórico? ¿Qué aportaciones al Museu Paulista proponen las opciones de diseño de la exposición al presentar el modelo tras el proceso de restauración de los últimos años? La metodología utilizada para elaborar este artículo se centra en un estudio de casos y una encuesta bibliográfica, analizando la información para construir hipótesis. Algunas de las pruebas aquí tratadas podrán resurgir con la profundidad adecuada en la investigación para la tesis de máster stricto-sensu que se está desarrollando en el Programa de Postgrado en Diseño - Universidade Anhembi Morumbi.*

Palabras clave *Maqueta de la Ciudad de São Paulo, Museu Paulista, Ciudad de São Paulo, objeto histórico, diseño expositivo.*

Identificar a encomenda do objeto histórico

Este artigo tem como objetivo trazer como pano de fundo pesquisa de mestrado sobre um objeto histórico do acervo do Museu Paulista, a maquete da cidade de São Paulo, encomenda feita pelo então diretor do Museu Paulista, o historiador, escritor e professor Affonso D'Escragno Taunay (1876-1958), que também foi o gestor responsável por organizar os festejos de comemoração do Centenário da Independência em 1922, comemoração esta que contextualiza a encomenda da maquete, feita ao artista e modelador holandês Henrique Bakkenist (1887-1940).

Este artista apresenta na ocasião uma peça com dimensões exuberantes, chegando a totalizar 6 metros de comprimento e 5,1 metros de largura, projetada e modelada em gesso. A opção para a conjuntura de elaboração da peça foi trabalhar com fontes documentais secundárias, como a primeira carta cadastral da cidade, de 1841 e 1842, confeccionada pelo engenheiro Carlos Abrão Bresser, com indicação dos lotes construções, alguns desenhos, aquarelas especialmente as imagens produzidas pelo fotógrafo Militão Augusto de Azevedo, feitas a partir de 1862 que comparavam vistas de São Paulo. Estes recursos ajudaram o artista a entender como poderia ser pensada a planificação da cidade. Todos estes elementos contribuem para Bakkenist construir uma planta em grande escala, compreendendo melhor terrenos e relevos da cidade, podendo assim tomar algumas decisões estéticas para sua obra.

Ao tratarmos dos assuntos pertinentes à criação, conservação e dos restauros da maquete da cidade que retratava a São Paulo de 1841, perceberemos que não seria possível fazê-lo sem o devido reconhecimento do momento histórico no qual se encontrava o Museu Paulista, palco principal das comemorações do primeiro centenário. Exatamente neste local, a maquete permanece desde a sua elaboração.

Paulo César Garcez Marins¹, no texto introdutório do catálogo *Pastados Imaginados - Coleção Museu do Ipiranga*, destaca que a diretoria do museu pretendia

com a maquete uma representação que obedecesse certos critérios de escolha, Taunay tentava mostrar que a cidade na época da independência já tinha intensa atividade comercial e era imponente, embora rústica (MARINS, 2022).

Nesta citação, podemos observar a intencionalidade de Taunay em evidenciar, a partir da encomenda do maquete da cidade de São Paulo, a importância da própria cidade, por suas atividades comerciais e significativas para o país.

Este objeto histórico é instalado intencionalmente no Museu Paulista, criado em um contexto que procuramos identificar com o resgate das supostas conquistas deste período.

Lembrando que foi no período que vai entre 1870 e 1930 que os museus nacionais - Museu Paulista, o Museu Nacional (RJ) e o Museu Paraense de História Natural - começaram a desempenhar um importante papel como estabelecimentos dedicados à pesquisa etnográfica e ao estudo das assim chamadas ciências naturais. É a partir desta perspectiva que se pode entender a instalação e o desenvolvimento desses estabelecimentos no Brasil, em particular o Museu Paulista, que, a partir de 1870 se afirmou como o mais científico dos museus nacionais” (SCHWARCZ, 1998, p. 124).

Destacamos aqui outra menção relacionada ao diretor do museu - Taunay -, feita por Paulo César Garcez Marins: “não só a maquete, mas todo o Museu Paulista sob a gestão de Taunay cria uma visão positiva sobre o passado colonial e imperial de São Paulo”, afirma.

Dentro deste contexto, a maquete se torna um elemento simbólico, dando visibilidade para o crescimento da cidade, que economicamente vinha se desenvolvendo e socialmente criava oportunidades de crescimento de um cenário urbano, onde a ocupação das áreas até então rurais já começavam a mudar suas características. Essas narrativas corroborariam uma sensação de pertencimento, manifestada pelo público dentro do museu. Retomar o contexto de construção da maquete é falar da uma São Paulo que já possuía uma intensa atividade comercial, urbanisticamente instalada, contendo um Jardim Botânico inaugurado em 1825, hoje conhecido como Jardim da Luz. Esse crescimento é corroborado com a criação dos Cursos Jurídicos da Faculdade de Direito do Largo São Francisco em 1827, para citar alguns exemplos.

Propomos um salto nesta história ao destacarmos que no ano de 2022, especificamente nas comemorações do Bicentenário da Independência do Brasil, o Museu Paulista reabre suas portas após nove anos de uma intensa reforma, que inclui o restauro da edificação e de um conjunto de obras de seu acervo, ressaltando que obras como a maquete, permanecem no prédio durante todo o processo de restauro do edifício. Consideramos neste artigo as estratégias propostas para o restauro e a rerepresentação da maquete da cidade de São Paulo a partir de um projeto que utiliza tecnologia e narrativas audiovisuais, propiciando outras camadas de significados para o objeto histórico, tornando a maquete uma das principais atrações do acervo do Museu Paulista.

Surgimento do Museu Paulista, domicílio da maquete da cidade de São Paulo

Localizado no bairro do Ipiranga, zona Sul da cidade de São Paulo, o Museu Paulista da Universidade de São Paulo, também conhecido como Museu do Ipiranga, é hoje um dos museus mais visitados da cidade².

Como referência da importância desta instituição, destacamos um trecho da entrevista da Diretora do Museu Paulista, Rosário Ono ao Jornal da USP³:

Com certeza a marca de 1 milhão de visitantes tem um significado muito especial, pois reflete a boa recepção à reabertura do museu após nove anos fechado. A média diária de visitantes contabilizada pela emissão de ingressos nesse período foi de aproximadamente 2 mil pessoas. Assim, antes de mais nada, agradeço ao nosso público visitante que nos permitiu atingir essa marca tão rapidamente.”(DE LIMA, Solange Ferraz; ONO, Rosaria. O novo Museu do Ipiranga no bicentenário da independência do Brasil. Instituto Martius-Staden. Rio de Janeiro, 2022).

Comenta a diretora do museu ao se referir ao feito de um milhão de visitantes após a reabertura do museu em 7 de setembro de 2022.

O edifício em que hoje estão instaladas as exposições e espaços para atividades educativas e culturais foi projetado para ser um monumento em comemoração à Proclamação da Independência, ocorrida em 1822. O edifício foi construído entre 1885 e 1890. Em 1894, o recém-criado Museu do Estado (Museu Paulista) foi transferido para o monumento.

Segundo SCHWARCZ (1998), “em 1893 o Museu do Ipiranga adquire as coleções pertencentes a Joaquim Sertório, compostas por espécimes de história natural, mobiliários, jornais e objetos da cultura indígena. E é com esse material, que foi inaugurado oficialmente o Museu Paulista, em 26 de julho de 1894. No mesmo ano, por indicação de Orville Derby (diretor da comissão Geográfica e geológica do Estado) é contratado o zoólogo Hermann von Ihering, conhecido por sua atuação nos certames internacionais⁴. Abria-se então um novo museu etnográfico, cujo objeto era o estudo da história natural da América do Sul e em particular do Brasil, por meios científicos”.

Conforme destacamos neste trecho, há uma descrição do profissional escolhido para direção da instituição e quanto essa decisão implicaria nos rumos do museu.

Novos caminhos propostos ao museu se apresentam a partir de 1917 com a chegada do historiador, escritor e professor na cátedra de Física Experimental da Escola Politécnica de São Paulo, Affonso D’Escragnolle Taunay (1876-1958), substituindo o então diretor do Museu Paulista, Hermann von Ihering. Taunay foi responsável por dirigir a instituição por um período de aproximadamente 28 anos (1917-1945). Não podemos deixar de

observar que seu posicionamento político interage com as demandas econômicas e sociais da cidade de São Paulo, investindo na ampliação da visibilidade e na correspondência das dinâmicas do museu ao projeto político de tornar a cidade referência para a sociedade brasileira.

Em 1934, o museu foi incorporado à Universidade de São Paulo - USP e seus registros de tombamento estão datados em primeiro lugar pelo Condephaat⁵, pelo Conpresp⁶ pelo Iphan⁷, garantindo a proteção e a preservação deste patrimônio imaterial nacional. Estes registros de tombamento são fundamentais para as garantias que envolvem, entre outras coisas, o detalhamento e as regras necessárias para que esse bem esteja preservado. Estamos falando do museu público considerado o mais antigo da cidade de São Paulo, segundo pesquisas feitas em documentos históricos⁸.

Reconhecer essa gama multiforme de possibilidades é recusar um modelo único de museu, chave da natureza e camisa de força. Portanto, o que aqui se discutirá não é a trilha que todo museu histórico deverá seguir, mas as direções em que ele pode trazer uma contribuição específica (e, portanto, insubstituível), na produção do conhecimento histórico - tema crucial, mas marginalizado nas discussões museológicas". (MENESES, 1994 - p.10).

Meneses nos provoca ao perceber que a direção do museu, na figura da diretora, Prof^a. Dr^a Rosaria Ono, e a equipe de curadoria, nas figuras de Prof. Dr. Paulo César Garcez Marins e Prof^a. Dr^a. Solange Ferraz de Lima, discordam de um modelo único de museu. A história nos mostra isso ao observarmos quantas mudanças foram discutidas e implantadas com esta última reforma. Percebemos nitidamente que a condição de um museu histórico o coloca em constante transformação e suas inquietações reverberam para a instituição.

Maquete da cidade de São Paulo, escolhas estéticas e olhares para a cidade e sua representação no objeto histórico

As referências utilizadas na construção de igrejas e casas foram pesquisadas em pinturas, José Wash Rodrigues (1891-1957) alguns mapas cartográficos do século XIX, ilustrações e nas fotografias de Militão Augusto de Azevedo (1837-1905) que constituíam os registros documentais da cidade.

A equipe do Estúdio Preto e Branco⁹, em São Paulo, foi responsável pelo trabalho de restauro da maquete, que contou com cerca de seis profissionais especializados.

Segundo a pesquisa e o mapeamento feito por esses restauradores, a escala utilizada por Bakkenist na projeção da maquete é de aproximadamente 1 para 175, segundo o engenheiro civil João Lopes Garcia, responsável por escanear a obra para seu mapeamento digital neste último processo

de restauro. Isso significa que um homem de 1,75 m teria cerca de 1 cm dentro da maquete.

Observamos que não houve uma fidelidade rigorosa de Bakkenist na reprodução do número de casas e terrenos existentes na ocasião. Foram reconstituídos alguns pontos históricos, outros tantos suprimidos e criaram-se alguns elementos de composição como quintais, terrenos e muros, fazendo uso de características da arquitetura colonial na modelagem do território de abrangência da maquete. Algumas edificações locais e marcos da cidade de São Paulo, ainda podem ser vistos hoje aproximadamente cem anos após a sua modelagem. Se caminarmos pela cidade, podemos notar alguns deles em suas construções originais, restauradas ou não. Locais como o Mosteiro de São Bento e a Igreja Nossa Senhora da Boa Morte se tornaram ao longo dos anos patrimônios materiais tombados e protegidos pela legislação em todas as instâncias de poder (municipal, estadual e nacional).

Ao analisar a maquete em 2022, com a reabertura das portas do Museu, não podemos deixar de destacar um ponto importante para a reflexão: o objeto histórico e as decisões curatoriais que envolvem as condições em que o mesmo será apresentado ao público frequentador do museu.

Neste contexto, há que se considerar as contribuições atuais do design expositivo ao criar um espaço de interação efetiva entre o visitante e a maquete. Para tanto, foi necessário observar entre outros aspectos a circulação do público no entorno da peça, criação de textos de fácil leitura, bancadas com reproduções da maquete abrigando relevos táteis, especiais para leitura de pessoas com deficiência visual, audiodescrição entre outros elementos que se somam às projeções e sobreposição de imagens históricas, pesquisadas por Bakkenist, como os mapas cartográficos, as fotografias, pinturas e aquarelas, que são projetadas no próprio objeto histórico.

Outro recurso é a projeção de luzes de diferentes tonalidades e múltiplas texturas que evidenciam volumes e indicam as ausências de representação, toda esta atmosfera é acompanhada de um áudio texto que conduz o percurso para o olhar do visitante, entre outros recursos tecnológicos que valorizam e inserem na maquete informações que complementam e ressignificam o objeto original.

Simultaneamente a essas imagens projetadas, o público é convidado a compreender sua história por meio de um áudio texto descritivo, com aproximadamente nove minutos, que narra as projeções. Organizado em seções contínuas, contam com um tradutor de libras, garantindo que públicos diversos possam acessar as mesmas informações simultaneamente.

Este recurso utilizado dentro da sala em que a maquete está instalada, cria uma espécie de ponte de aproximação entre a história da peça e a cidade de São Paulo do século XXI.

Restauro e design expositivo: desafios para a maquete da cidade de São Paulo

Fechado por quase nove anos, o Museu Paulista reabriu as portas em setembro de 2022 após a conclusão do processo de restauro do edifício histórico e de um novo projeto de expografia, considerando facilitadores de interação e privilegiando a acessibilidade dos diferentes públicos. Identificamos em todas as exposições, sejam elas permanentes ou temporárias, que a preocupação com a acessibilidade se transformou em um projeto inclusivo de acesso ao museu e seu acervo. Segundo o autor,

já que se vê que o museu histórico contemporâneo apresenta um leque extremamente aberto de problemas, que seria muito difícil tratar aqui na sua inteireza. Por isso, para garantir um mínimo de eficácia, o que será posto em debate limita-se a dois tópicos básicos, apenas: que possibilidade pode haver de participação do museu histórico na produção do conhecimento histórico? Como nessa perspectiva, funciona a exposição museológica? (MENESES. 1994, p.10)

O projeto expográfico buscou afirmar a qualidade de uma intervenção contemporânea em diálogo com a arquitetura eclética do edifício, evitando ao máximo confundir uma e outra por meio de elementos miméticos. Para tanto, foi desenvolvido para todo o projeto de restauração, um sistema expositivo para suporte tanto dos acervos quanto dos recursos de mediação, numa linguagem relativamente sóbria, composta de perfis e chapas metálicas de geometria regular. Admitiu-se com isso o contraste proposital em relação ao edifício-monumento, cujas paredes de alvenaria decoradas e esquadrias em madeira são inconfundíveis.

Outro aspecto importante nesta ampla reforma é todo o processo de restauro: houve a necessidade de aportes financeiros do governo estadual e da Fundação de Apoio à Universidade de São Paulo (FUSP) que cobriram parte dos custos. No entanto, a maior fatia do orçamento para a reforma — cerca de R\$ 235 milhões¹⁰ — veio da iniciativa privada, por meio da Lei Rouanet. Empresas como a SABESP, o Instituto Itaú Cultural e o Grupo EDP, do ramo elétrico, investiram R\$12 milhões cada.

As exposições permanentes¹¹ foram organizadas em eixos narrativos para contar a história do acervo e contextualizar as suas peças, que retratam costumes e valores da sociedade. No eixo Passados Imaginados encontramos a maquete da cidade de São Paulo, que é objeto de pesquisa e estudo para o desenvolvimento deste artigo e de uma pesquisa já em processo.

Ao pensarmos nas possibilidades de como o design expositivo pode contribuir com a fruição do público visitante, destacamos no trecho a se-

guir no qual Oliveira e Tabach (2018) tratam das possibilidades de interação entre a obra e o visitante e a sua capacidade de ressignificar o contato com o objeto histórico.

Além disso, receamos que a bandeira da “experiência” com a arte, das propostas interativas, da tão desejada inclusão e participação do público possam soar como repelentes da “arte tradicional”, como se a completude do espectador com a obra só se valesse de interatividade, de forma que a contemplação por si só fosse inexpressiva. Nesse sentido, não cabe negar outras formas de contato com a obra, mas ressignificá-las. (OLIVEIRA, M. C. M.TABACH, V, 2018, p 117).

Mesmo compreendendo que estamos falando de um museu histórico, que abriga acervos da mesma natureza, as possibilidades de interação entre obra e público podem se assemelhar, como por exemplo na utilização dos recursos de audiodescrição, projeção de imagens e projetos de iluminação, criando uma camada de contemporaneidade ao objeto datado neste caso a maquete da cidade de São Paulo em 1841.

No início do século XIX, a ruptura com os modelos clássicos de visão foi muito mais do que uma simples mudança na aparência das imagens e das obras de arte, ou nas convenções de representação. Ao contrário, ela foi inseparável de uma vasta reorganização do conhecimento e das práticas sociais que, de inúmeras maneiras, modificaram as capacidades produtivas, cognitivas e desejantes do sujeito humano. (CRARY, JONATHAN, 2012,p 13).

Neste trecho do ensaio de Jonathan Crary podemos perceber alguns efeitos políticos e sociais oferecidos por ele para a reflexão, de como os processos históricos que constituíram os modos modernos de se conceber a visão no século XIX, apresentam algumas pistas para compreender o atual estatuto do olhar.

Esta não foi a primeira vez que a maquete passa por um restauro: em 1984, a obra — que era branca, da cor do gesso — ganhou outras cores em sua superfície, e quase trinta anos depois, foram realçadas¹².

As etapas de limpeza e restauração da maquete¹³ seguiram os rigores e protocolos determinados pelo restauro. As ações de limpeza química, o nivelamento das superfícies e a recuperação na camada de gesso superior se somaram à correção das trincas presentes nas estruturas e reposição do que faltava na estrutura da maquete. Algumas reconstruções na peça também foram substituídas pelos mesmos materiais da obra original.

No centro de uma sala própria, no edifício-monumento do Museu do Ipiranga, a maquete está instalada sobre uma base de madeira a cinquenta centímetros de altura do chão. Ela também ganhou em seu entorno

um guarda-corpo de vidro transparente, para a segurança da peça, já os visitantes poderão vê-la em toda a sua extensão, movimentando-se ao seu redor.

Uma das curiosidades deste processo foi a necessidade de construção de uma plataforma de metal sobre a obra, que permitiu o acesso dos restauradores ao seu miolo, pois, diante das suas dimensões apresentou-se como uma possibilidade de acesso ao centro da maquete. Outra importante etapa e que contou com a tecnologia para sua realização foi o escaneamento 3D da peça para servir de base na elaboração do mapeamento de danos, um dos requisitos do processo de restauração.

De qualquer modo, ainda se faz necessário neste espaço em que a maquete está instalada permanência de um profissional da área de segurança e de orientação de público para garantir a preservação deste bem.

Considerações finais

O presente artigo realizou uma pesquisa preliminar, com levantamento dos dados históricos relacionados à maquete, escolha das fontes bibliográficas, identificação com autores lidos e organização de referências teóricas capazes de ancorar esta escrita. Foi neste exercício de elaboração que foi observado que este objeto histórico - a maquete -, não possui uma variedade e quantidade de estudos e matérias teóricas que tratam da sua importância e relevância diante do acervo do museu.

Encontramos citações e informações contextualizadas mas com poucas referências sobre o processo de encomenda, feito por Taunay para abrilhantar os festejos do Centenário da Independência, bem como, quanto a criação da maquete com as decisões tomadas por Bakkenist durante o processo de produção da peça.

Este contexto nos convoca a realizar este estudo e ao produzirmos o artigo, contribuir para a construção de referência para futuros estudos sobre a maquete. Salientamos que neste estudo de caso foi elaborado uma pesquisa sobre design expositivo e escolhas curatoriais relacionadas ao espaço onde se encontra a maquete, suas características como objeto histórico e os recursos tecnológicos e de projeção escolhidos para compor a sua exibição.

Segundo Ulpiano Meneses,

O objeto antigo, obviamente foi manipulado em tempo anterior ao nosso, atendendo às contingências sociais, econômicas, tecnológicas, culturais, etc. etc. desse tempo. Nessa medida, deveria ter vários usos e funções, utilitários ou simbólicos. No entanto, imerso na nossa contemporaneidade, decorando ambientes, integrando coleções ou institucionalizado

no museu, o objeto antigo tem todos os seus significados, usos e funções anteriores drenados e se recicla, aqui e agora, essencialmente, como objeto-portador-de-sentido. Assim, por exemplo, todo eventual valor de uso subsistente converte-se em valor cognitivo o que, por sua vez, pode alimentar outros valores que o passado acentua ou legitima. Longe pois de representar a sobrevivência, ainda que fragmentada, de uma certa ordem tradicional, é do presente, indica Jean Baudrillard, que ele tira sua existência. E é do presente que deriva sua ambiguidade” (MENESES 1992 p. 12).

Diante do exposto, concordamos com o autor que estabelece uma relação entre o objeto histórico e o museu histórico. A escrita do artigo nos possibilitou, entre outras coisas, compreender que a maquete da cidade de São Paulo e o Museu Paulista são parte e todo, importantes e indissociáveis neste estudo.

Referências

ANELLI, Renato. **Gosto Moderno: o Design da Exposição e a Exposição do Design**. Arqtexto, n. 14, p-92-109, 2009.

DE LIMA, Solange Ferraz; ONO, Rosaria. O novo Museu do Ipiranga no bicentenário da independência do Brasil. **Instituto Martius-Staden**. Rio de Janeiro, 2022. Disponível em: https://www.martiusstaden.org.br/images/conteudo/269_261022_93434.pdf. Acesso em 8 ago. 2024.

ESTÚDIO Preto e Branco. <https://www.pretoebranco.com.br/museu-do-ipuranga-mapping-sobre-a-maquete-de-sao-paulo-em-1841>. Acesso em 8 mai. 2024.

MARINS, Paulo César Garcez (coord). **Passados Imaginados - Coleção Museu do Ipiranga** (2022;3). São Paulo: Edusp, 2022.

MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. Do teatro da memória ao laboratório da História: a exposição museológica e o conhecimento histórico. **Anais do Museu Paulista: História e Cultura Material**, São Paulo, v. 2, n. 1, p. 9-42, 1994. DOI: 10.1590/S0101-47141994000100002. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/anaismp/article/view/5289>. Acesso em: 8 ago. 2024.

MENESES, Ulpiano Toledo Bezerra de. **Os museus e as ambiguidades da memória: a memória traumática**. In: Conferência do 10ª Encontro Paulista de Museus- Memorial da América Latina, 2018, São Paulo.

MENESES, Ulpiano Toledo Bezerra de. **O objeto material como documento**. In: “Patrimônio cultural: políticas e perspectivas”, IAB/CONDEPHAAT, São Paulo, 1980.

MENESES, Ulpiano Toledo Bezerra de. **Para que serve um museu histórico? Como explorar um museu histórico**. São Paulo: Museu Paulista da USP, 1992. Disponível em: https://biblio.fflch.usp.br/Meneses_UTB_4_1268706_ParaQueServeUmMuseu-seuHistorico.pdf. Acesso em: 8 ago. 2024.

OLIVEIRA, Cecília Helena de Salles. Museu Paulista: espaço de evocação do passado e reflexão sobre a história. **Anais do Museu Paulista: História e Cultura Material**, São Paulo, v. 10, n. 1, p. 105–126, 2003. DOI: 10.1590/S0101-47142003000100007. Disponível em: <https://revistas.usp.br/anaismp/article/view/5383>. Acesso em: 8 ago. 2024.

OLIVEIRA, M. C. M.; TABACH, V.. **Virada Educacional como Ponto em Percorso**. In: Fabio Cypriano. (Org.). **Histórias das Exposições: debates urgentes**. 1 ed. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2018, v. 1, p. 87-120.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **As barbas do imperador: D. Pedro II, um monarca nos trópicos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

PROJETO Expográfico para o Museu do Ipiranga-Metrópole Arquitetos. Disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br/996295/projeto-expografico-para-o-museu-do-ipuranga-metropole-arquitetos>. Acesso em 8 mai. 2024.

¹ Doutor em História Social pela FFLCH/USP e docente do Museu Paulista da USP.

² Segundo Rosário Ono https://www.martiusstaden.org.br/images/conteudo/269_261022_93434.pdf. Acesso em 8 ago. 2024.

³ Fonte: <https://jornal.usp.br/universidade/museu-do-ipuranga-leva-novo-olhar-sobre-a-historia-do-brasil-para-um-milhao-de-visitantes>. Acesso em 30 ago. 2024.

⁴ H. von Ihering graduou-se em medicina e ciências naturais na Alemanha. Seus estudos iniciais estiveram ligados à antropologia física; mais tarde Ihering se dedicou à zoologia, notadamente ao estudo de moluscos. Fixa residência no Rio Grande do Sul em 1880, quando pesquisou a flora, fauna e os povos indígenas da região. Trabalhou durante esse período como naturalista do Museu Nacional. Vem para São Paulo em 1893, como membro da Comissão Geográfica do Estado.

⁵ Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico do Estado de São Paulo.

⁶ Conselho Municipal de Preservação do Patrimônio Histórico, Cultural e Ambiental da Cidade de São Paulo.

⁷ Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.

⁸ Museu Paulista da Universidade de São Paulo - Serviço de Documentação Histórica e Iconográfica [SVDHICO].

⁹ https://docs.google.com/document/d/1pcbkZDSUFvxssANGuTIPpZWtQX4in_e2/edit. Acesso em 7 set. 2024.

¹⁰ Fonte: <https://fusp.org.br/museu-do-ipuranga>. Acesso em 7 set. 2024.

¹¹ Para Entender o Museu; Uma História do Brasil; Territórios em Disputa; Mundos do Trabalho; Casas e Coisas; A Cidade Vista de Cima; Catalogar: Moedas e Medalhas; Conservar: Brinquedos; Comunicar: Louças; Coletar: Imagens e Objetos; Passados Imaginados; Fonte: <https://museudoipuranga.org.br/exposicoes>. Acesso em 10 fev. 2024.

¹² Disponível em <https://www.pretoebranco.com.br/museu-do-ipuranga-exposicoes-de-longa-duracao>. Acesso em 8 mai. 2024.

<https://www.pretoebranco.com.br/museu-do-ipuranga-mapping-sobre-a-maquete-de-sao-paulo-em-1841>. Acesso

Recebido: 03 de agosto de 2024

Aprovado: 28 de setembro de 2024